

**Mateu\***

(Fonte: O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 190. )

É ele o palhaço negro, terror e alegria da criançada, querer das meninas, segredo das mulheres casadas, xodó das solteiras. Cada Mateu tem um nome afetivo, que pode ser Cravo Branco, Flor do Dia, ou algum outro feito de pura poesia. Antes de o Reisado apresentar-se, ele sai pelas estradas, pelas ruas, abrindo caminho para a brincadeira, anunciando o espetáculo. Corre atrás da meninada, com a macaca (um chicote de couro) assusta os cachorros. Mas sai também dizendo chistes, fazendo graça, declarando seu amor desconcertante. Se não é já de nascença negro retinto, pinta o rosto de preto e nele abre um alvo sorriso de meia-lua. É todo simpatia. Sobre a cabeça, usa cartola em forma de um longo cone, que o povo chama de “cafuringa”, vermelha, enfeitada de fitas e penas. Veste um macacão de pano grosso, azul ou bege, cartucheira e revólver na cintura, rosário enorme feito de sementes de mamucaba, cruzando o peito.

Mateu é “Deus e o Diabo”, o Bem e o Mal, espécie de síntese cabocla do nordestino. Negro e ex-escravo faz o papel de vaqueiro na dramatização do bumba-meu-boi. Sua mulher é a Catirina, como ele, irreverente e desbocada. No reisado, desafiam o poder do rei e do mestre, debocham das autoridades e dos assuntos mais sagrados, sejam humanos ou divinos. Subvertem toda a ordem,. Fracos e subalternos vencem pela matreirice, pela vivacidade e inteligência. São como Pedro Malasarte, João Grilo e Canção de Fogo, anti-heróis do povo nordestino.

---

\* O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 190.